



Em  Sociedade

RESENHA

O desastre-crime de Brumadinho com perspectiva

José Antônio de Souza Queiroz¹

¹ Possui graduação e mestrado em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Atualmente, é doutorando (2021) no programa de Pós-Graduação em história na mesma universidade.



Em Sociedade

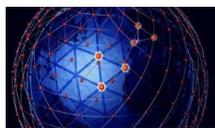
Ao fim da Primeira Grande Guerra, o filósofo Walter Benjamin desconfiava de que aquela experiência não poderia ser compartilhada pelas gerações seguintes. Na obra benjaminiana, experiência (*erfahrung*) é um conhecimento transmitido entre gerações, qual seja um saber cumulativo e de caráter coletivo, que se estabelece através de sucessivas gerações. Para Benjamin, nada restava da Guerra que não fosse o silêncio.

As estratégias militares para avançar sobre as trincheiras, o desenvolvimento bélico de armas mortíferas (como o gás e o lança-chamas), a fome, a proliferação das doenças e a devastação observada no pós-guerra mostrara, segundo Benjamin, que o “frágil e minúsculo corpo humano” estava completamente exposto, desabrigado. Tudo isso geraria uma “cortina de névoa” que impediria aqueles homens de contarem suas experiências para as gerações seguintes:

Talvez isso não seja tão estranho como parece. Já não se podia constatar, naquela época, que as pessoas voltavam mudas do campo de batalha? Não voltavam enriquecidas, senão mais pobres em experiência comunicável. Os livros sobre a guerra que proliferavam nos dez anos seguintes não continham experiências transmissíveis de boca em boca².

Não raro, porém, essa névoa densa foi invadida por vozes que teimavam em ser ouvidas. Erich Remarque e Ernst Jünger, por exemplo, foram dois soldados alemães que publicaram suas memórias da guerra. São dois livros, inclusive, muito importantes no processo de desromantizar a guerra, mostrando a verdadeira face dos soldados que nela se envolveram. Antes de guerreiros ou heróis, eram homens neuróticos, crianças maltrapilhas e amedrontadas.

² BENJAMIN, Walter. Experiência e Pobreza. In: BENJAMIN, Walter. Documentos de cultura, documentos de barbárie: escritos escolhidos. Tradução Celeste H. M. Ribeiro de Sousa et al São Paulo: Cultrix, 1986. p. 195.



Da mesma forma, Primo Levi, Eli Wiesel e tantos outros judeus que sobreviveram ao Holocausto puderam contar ao mundo sobre a vida nos campos de concentração. O autor de “É isto um homem?” foi enfático ao declarar que “a necessidade de contar aos outros, de tornar os outros participantes, alcançou entre nós, antes e depois da libertação, caráter de impulso imediato e violento”³.

Talvez Benjamin esteja certo, ao final das contas: a *experiência* em si talvez seja, de fato, incomunicável. Mas, entre gritos e sussurros, o horror dos acontecimentos traumáticos pulsa na literatura. Se não podemos nos comunicar, de maneira efetiva, com determinadas experiências, quem sabe não possamos ao menos lançar mão de um dos afetos mais revolucionários que existem: a compaixão.

Daniela Arbex lançou, nos últimos anos, obras que visitam alguns dos horrores mais sentidos da história recente do Brasil: os crimes cometidos por décadas no famoso Centro Hospitalar Psiquiátrico de Barbacena (*O Holocausto Brasileiro*), o incêndio na boate Kiss, que matou 242 pessoas (*Todo dia a mesma noite*) e o rompimento da Barragem B1, em Brumadinho (*Arrastados*).

Um dos maiores méritos de *Arrastado* é ter colocado os atingidos e atingidas no centro dos acontecimentos. Após a realização de centenas de entrevistas, momento em que a autora pôde colher depoimentos dos sobreviventes, bombeiros e moradores de Brumadinho, Arbex conseguiu restituir, com assombroso realismo, a manhã e começo de tarde daquele 25 de janeiro de 2019, quando uma barragem de rejeitos desativada, na Mina do Córrego do Feijão, propriedade da mineradora Vale, veio à baixo. O rastro de lama, rejeitos de minério e destruição se estendeu por mais de 300 quilômetros, passando por dezessete cidades. Ao todo, 272 pessoas perderam a vida (dentre elas, duas gestantes), sendo que seis corpos ainda não foram localizados pelos bombeiros.

São os familiares das vítimas que contam suas histórias aqui. Começamos essa viagem dentro do ônibus da companhia Rio Negro, que apanhava alguns funcionários da Vale ao redor da Mina. Quem fala conosco é o técnico Gleison Welbert Pereira – que era o motorista da caminhonete branca que apareceu nas imagens transmitidas em rede nacional, procurando, de

³ LEVI, Primo. *É isto um homem?* Tradução Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2013. p. 8.



forma angustiante, uma saída em meio a aproximação da avalanche de lama. Gleison foi o responsável direto por salvar a vida de pelo menos dez indivíduos em meio à sua fuga.

Outra história impressionante foi a de Lieuzo Luiz dos Santos, de 55 anos, técnico em sondagem e perfuração da Furgo, empresa que prestava serviços à Vale. Em ocasião do rompimento da barragem, Lieuzo estava no pior lugar para se estar: no penúltimo degrau da B1, a cerca de 70 metros de altura. Em uma imagem frontal, que consegue captar a barragem em toda sua extensão, Lieuzo é um daqueles funcionários que aparecem correndo, minúsculos, diante da imensidão da barragem no momento em que ela estoura. Naquela sexta-feira, a perfuratriz que ele operava explorava as profundezas da barragem para medir a pressão interna da água do reservatório.

Todos os amigos de Lieuzo morreram soterrados. Ele foi o único sobrevivente, sendo encontrado a um quilômetro de distância do ponto onde ele estava. Com diversas fraturas e machucados por todo o corpo, desidratado, coberto de lama e exposto ao sol, Lieuzo via os helicópteros sobrevoando a área, porém, ele estava praticamente invisível em meio ao mar de lama. Com muito esforço, usou as mãos para tentar se soltar dos rejeitos e deitou-se sobre a lama, já sem energia. Só ao final do dia e começo da noite foi encontrado pelo soldado Samuel Luvás Santos Neves, que fazia uma varredura por via terrestre.

Ao todo, aproximadamente duzentos personagens reais se entrecruzam ao longo da narrativa. Conhecemos pais, mães, filhos e filhas, irmãos e irmãs, amigos e amigas. Conhecemos a história dos donos, hóspedes e caseiros da Pousada Estância, que foi completamente destruída pela avalanche de rejeitos. Dos que estavam lá, apenas Paloma sobrevivera – contando, em entrevista, que se sentia dentro de uma britadeira quando foi puxada para dentro da lama.

Conhecemos sonhos e conhecemos vidas que foram interrompidas por um crime.

Sim, um crime. Um desastre-crime que poderia ter sido evitado. A Vale tinha fortes indícios de que a barragem B1 não respeitava os quesitos mínimos de segurança. E, ainda assim, não deixou de construir, logo abaixo de sua estrutura, o refeitório e outras instalações, que eram diariamente frequentadas por centenas de trabalhadores. Em estudos que são mencionados por Daniela Arbex, tomamos conhecimento de que havia uma simulação que previa a morte imediata de mais ou menos 300 pessoas caso a barragem estourasse. A Vale sabia que a chance



de escapar com vida era mínima. E a sirene que deveria avisar os moradores de eventuais “acidentes”, não soou naquela tarde.

Dessa forma, a autora consegue empreender a difícil missão de dar voz a dor do outro. Daniela Arbex soube tomar distância quando a distância era necessária. Mas, também, como boa jornalista, soube investigar e ir a fundo quando a narrativa pedia mais detalhes – como fez, por exemplo, ao entrevistar os trabalhadores do IML de Belo Horizonte, dando detalhes de como os corpos foram destruídos pelo crime-desastre de Brumadinho. Graças ao seu bom jornalismo, conseguimos entender um pouco melhor como acontece o duro processo de identificação dos segmentos corpóreos. E foi graças ao trabalho exaustivo de funcionárias e funcionários do IML de Belo Horizonte, que muitas famílias puderam ter a oportunidade de encerrar um processo de luto.

Às vésperas de completar 3 anos do desastre-crime de Brumadinho, os bombeiros seguem procurando as últimas seis joias ainda desaparecidas: Cristiane Antunes Campos, Luís Felipe Alves, Maria de Lurdes da Costa Bueno, Nathalia de Oliveira Porto Araújo, Olímpio Gomes Pinto e Tiago Tadeu Mendes da Silva. A autora, mesmo tendo perdido um irmão para a Covid-19 em meio à produção do livro, soube construir um livro-monumento sobre essa que é, sem dúvidas, uma das páginas mais terríveis da tragédia anunciada que é a exploração predatória do minério de ferro no Brasil.

REFERÊNCIAS

- ARBEX, Daniela. **Arrastados**: os bastidores do rompimento da barragem de Brumadinho, o maior desastre humanitário do Brasil. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2022. p. 326
- BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. *In*: BENJAMIN, Walter. **Documentos de cultura, documentos de barbárie**: escritos escolhidos. Tradução de Celeste H. M. Ribeiro de Sousa *et al.* São Paulo: Cultrix, 1986. p. 195.
- LEVI, Primo. **É isto um homem?** Tradução de Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 2013. p. 8.
- WISNIK, José Miguel. **Maquinação do mundo**: Drummond e a mineração. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.